



Poesia em festival  
(em V. N. de Foz Côa)

jornal de letras, artes e ideias

Ano V n.º 147 De 30 de Abril a 6 de Maio de 1985 Preço 50\$00 Semanalmente, às terças-feiras

Director José Carlos de Vasconcelos

## Arquitectos

Nuno Portas falara aqui no número 16 de Abril, da presença de dois arquitectos portugueses na Bienal de Paris (Arquitectura). Mais quatro são hoje descobertos, ao correr do catálogo.

# Descobertos mais portugueses na Bienal de Paris

Manuel Graça Dias

No prazo de 15 dias foram já descobertos seis arquitectos Portugueses na Bienal de Paris: Álvaro Siza e Eduardo Souto Moura vislumbrados por Nuno Portas (ler artigo publicado neste jornal em 16-4-85) e mais estes quatro que me apresso a divulgar e de que me dei conta folheando o catálogo aqui em Lisboa.

Junto-me assim a Portas na euforia «nacionalista» de falar dos nossos autores, confirmando uma tese que defendo há já algum tempo: que temos a maior densidade de arquitectos interessantes por km<sup>2</sup> do mundo, apenas faltando eficazes meios de divulgação e propaganda do seu trabalho e um pouco mais de atenção por parte dos «embaixadores» da nossa cultura arquitectónica.

### Abstracção Doce

O catálogo (303 p.p. muito ilustradas) está estruturado em analogia com a linguagem cinematográfica (Découpage, Plano fixo/interior, Olhares, Travelling para trás, Grande plano, Panorâmica).

É na «Panorâmica» que vamos encontrar João Luís Carrilho da Graça (um dos mais novos arquitectos na Bienal) e dois projectos que já conhecíamos («Depois do Modernismo» e «Domus»).

Em Alter, uma habitação social depurada que se agarra ao traçado da rua, como numa «fuga», deformando as plantas e as fachadas à partida iguais; em Rodão, um quartel de bombeiros cuja planta «esquemática» e rectangular se envolve depois em muros redondos que parafraseiam o terreno («o contorno cadastral estimula o percurso do lápis»).

Há sempre uma grande doçura nas formas «inventadas» da arquitectura de Carrilho da Graça. É como que um desejo de rivalizar com a natureza o modo como interrompe o desenvolvimento de geometrias simples, intervalando-as, descontinuando-as, partindo-as. Os desenhos finais são sempre organismos complexos onde o nosso olhar se perde, perdendo o ponto de partida; tão naturais (ou tão pouco) como o labirinto pré-histórico que elegera para emblema.

### Symbolismo Agressivo

Manuel Vicente, José Daniel Santa-Rita e João Maia Macedo, constituem uma equipa

presente com o já conhecido trabalho de recuperação da Casa dos Bicos.

O dramatismo luminoso da escadaria central e as saídas por onde passa, entre os planos de mármore e as folhas de quadricula de ferro cruzando arcos, fendas no tecto e pilares «em vidro», ocupam duas grandes fotografias.

Faltaria ainda mostrar um duro contra-luz do Tejo através de uma das janelas desenhadas por António Marques Miguel (da loggia por exemplo) para que o tema da Bienal «vu de l'intérieur» adquirisse mais duplicidade, mostrando a fragmentação espacial interior a aquietar-se na imagem mais erudita da recuperação da máscara-fachada que segura contém e pára o exterior, mediando-o lentamente de luz e água a pedras e ferro com sentido.

### Plano Americano

Quanto ao panorama internacional, é vontade de Nuno Portas não encontrar na Bienal os «excessos mais polémicos» ou os «papas» do pós-modernismo que estariam no Centro Pompidou dedicando-se aos seus prazeres meta-linguísticos e de onde estaria arredada a

«poética do homem-comum». A Bienal seria assim um lugar mais sereno, mais comprometido com a praxis e menos panfletário; quase que «mais Moderno» já que se oporia, pelo que não mostrava, ao que seria correcto esperar de uma exposição em Paris e em 1985.

Mas a presença de Mario Botta, Frank O. Gehry, Rafael Moneo, Christian de Portzamparc, Emilio Ambasz, Cooperativa Himmelblau, Fabio Reinhart e Aldo Rossi, Studio GRAU, Vittorio Gregotti, Zaha Hadid, Hans Hollein, Oriol Bohigas, Richard Meier, Alessandro Mendini e Alchimia, Paolo Portoghesi, Franco Purini e Laura Thermes, Oscar Tusquets e de muitos outros de que eu nunca ouvira falar mas cujos trabalhos muito bonitos e estimulantes percorrem o bem paginado catálogo, desmentem um pouco essa ideia.

Reflectindo certamente o ponto de vista e os parâmetros iniciais definidos por Jean Nouvel e a sua equipa, o catálogo da Bienal «pecará», talvez, por lhe faltar ostensivamente (voltemos ao cinema) umas páginas de «Plano Americano»; de resto será uma bela viagem pela boa arquitectura Moderna, Tardo-Moderna e Pós-Moderna que se vai fazendo nestes anos oitenta.

E viva a Arquitectura Portuguesa! ■